

O MALANDRO COMO CRÍTICA SOCIAL EM “O TRABALHO SUJO DOS OUTROS”, DE ANA PAULA MAIA

THE TRICKSTER AS SOCIAL CRITICISM IN “O TRABALHO SUJO DOS OUTROS”, BY ANA PAULA MAIA

Altamir Botoso¹
Renan da Silva Dalago²

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar um dos protagonistas de “O trabalho sujo dos outros”, uma narrativa que faz parte do livro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de Ana Paula Maia, que tece uma crítica feroz aos tempos modernos. Para isso, a autora se utiliza do personagem malandro, que diz respeito a certas qualidades específicas identificadoras de um indivíduo sem raízes, que procura integrar-se à sociedade. Ele vale-se de expedientes como o engano para se manter num espaço marcado pela falta de solidariedade e empatia. Além da análise da figura do malandro, objetivamos discorrer sobre a crítica social presente no texto.

Palavras-chave: *O trabalho sujo dos outros*, Arquétipo do Malandro, Crítica Social, Ana Paula Maia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze one of the protagonists of “O trabalho sujo dos outros”, a narrative that is part of the book *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, by Ana Paula Maia, which weaves a fierce criticism of modern times. For this, the author uses the trickster character, which refers to certain specific qualities that identify an individual without roots, who seeks to integrate into society. He uses expedients such as deceit to remain in a space marked by a lack of solidarity and empathy. In addition to analyzing the figure of the trickster, we aim to discuss the social criticism present in the text.

Keywords: *O trabalho sujo dos outros*, Trickster Archetype, Social Criticism, Ana Paula Maia.

Introdução

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Docente do Programa de Pós Graduação em Letras - nível de Mestrado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Estudos Literários. E-mail: abotoso@uol.com.br

² Graduado em Publicidade e Propaganda pela UniCesumar e em Licenciatura em Letras Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestrando em Estudos Literários na linha de pesquisa Poéticas da Modernidade pelo Programa de Pós Graduação em Letras – nível de Mestrado (UEMS), sob orientação do Prof. Dr. Altamir Botoso. Bolsista FUNDECT/CAPES. E-mail: renandalago@gmail.com

Ana Paula Maia nasceu em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, e atualmente mora em Curitiba, Paraná. Ela já conta com a publicação de cerca de sete obras no Brasil, participação em várias antologias no nosso país e no estrangeiro e escreveu uma série para o *site* da *Globoplay*, intitulada “Desalma”, que assina como autora e roteirista. Foi vencedora do prêmio São Paulo de Literatura nos anos de 2018 e 2019, na categoria melhor romance do ano com os livros *Assim na terra como embaixo da terra* e *Enterre seus mortos*, respectivamente.

Em seus livros, Ana Paula Maia discorre sobre temáticas como homens, crimes e, conseqüentemente, a morte. Como explica Vicelli (2021, p. 21), a referida escritora “[...] relata que cresceu não em terra de traficante, mas em terra de matador, e seu pai tinha um bar onde os matadores se reuniam para contar seus feitos. Feitos que se tornaram o mote de suas narrativas, constituídas essencialmente, por homens e crimes”.

Dentre suas inúmeras narrativas e livros sobre homens e crimes, Ana Paula Maia, em 2006, publica na internet a novela *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*”, com 12 capítulos no total, sendo 5 capítulos do texto homônimo e sete capítulos da novela “O trabalho sujo dos outros”. Em 2009, Ana Paula Maia é convidada a publicar os 12 capítulos como livro físico em uma grande editora.

No portal da *Amazon*, aparece o seguinte comentário a respeito do livro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*:

O primeiro livro publicado originalmente na Internet a ser lançado por uma grande editora. Com dois romances publicados, a carioca Ana Paula Maia se firmou como uma das mais festejadas autoras da nova literatura brasileira e chamou a atenção de críticos e formadores de opinião ao publicar, em 2006, uma novela folhetinesca na Internet, em uma ação pioneira. Durante meses, os leitores acompanharam pela web os 12 capítulos de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, que saiu do digital para a edição impressa com um novo final. Com muito sangue, violência e boa literatura, Ana Paula Maia lança o olhar ao outro, com profundos traços de ousadia e peculiaridade, para esmiuçar o cotidiano de homens que lutam para sobreviver em meio à pobreza e à falta de esperança em uma vida melhor. Em silêncio, esses homens-bestas carregam seus fardos e os dos outros. Neste volume estão reunidas duas novelas. A primeira, que dá nome ao livro, é escrita em cinco capítulos e tem como cenário um subúrbio distante, sob um calor sufocante, onde apostar em rinhas de cachorros assassinos é o divertimento mais saudável para dois brutamontes que ganham a vida abatendo porcos e distribuindo-os em frigoríferos. Edgar Wilson e Gerson esperam o mínimo da vida, trabalham muito,

Revista de Letras Norte@mentos

cumprem sagradamente suas tarefas e nutrem um pelo outro uma amizade excepcional. O resto importa muito pouco. A segunda narrativa, *O Trabalho Sujo dos Outros*, em sete capítulos, conta a história de três homens que recolhem o lixo, quebram o asfalto e desentopem esgoto. Quando os coletores de lixo decidem fazer uma greve geral, a cidade começa a sucumbir e Erasmo Wagner inicia uma estranha jornada mística tendo um bode como condutor de um acerto de contas com o seu passado³.

Em sete capítulos, Ana Paula Maia oferece em “O trabalho sujo dos outros” em uma crítica social bastante ácida e contundente sobre três homens que têm que sobreviver fazendo o que for possível, um recolhe o lixo, outro quebra asfalto e o último homem desentope esgoto, mas no fio condutor da narrativa, ocorrem situações inesperadas para os personagens-protagonistas, que fazem com que eles mudem suas rotinas pela sua sobrevivência.

Tendo por base o que foi exposto, o presente artigo tem o intuito de analisar a obra “O trabalho sujo dos outros”, de Ana Paula Maia. Nesse sentido, busca-se verificar como a autora constrói alguns de seus personagens-protagonistas, pautando-se pelo arquétipo do malandro, num espaço que guarda muitas ressonâncias com a nossa realidade contemporânea. Além disso, ela concebe um enredo que evidencia uma crítica feroz e amarga a respeito da sociedade e dos tempos modernos, que deixam patentes a falta de solidariedade, o desamparo, a solidão e o egoísmo dos personagens. Estes vivem insulados, isolados e incapazes de romper o círculo vicioso da violência, da dor e da desumanidade que os rodeia e os oprime.

Literatura em foco

É notório que ao longo do tempo houve inúmeras tentativas de pesquisadores e estudiosos de delimitar e conceituar o que é literatura. A partir disso, nasceram várias interpretações da literatura, a literatura como arte, como sistema semiótico, como sistema simbólico, como imitação do mundo, dentre outras.

A literatura em seu sentido mais amplo seria facilmente denominada como a habilidade de um ser humano em ler, escrever e interpretar textos, contudo, a literatura em si, vai além dessa suposta habilidade.

³ Descrição do livro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de Ana Paula Maia. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/Entre-rinhas-cachorros-porcos-abatidos/dp/8501085286>> Acesso em: 22 de dez de 2021.

É fato que para consumir literatura é necessário saber ler, mas este saber ler vai além dos textos. O texto literário também pode ser ouvido, narrado, contado e, desde os primórdios da história humana, a literatura, por meio dos contos mitológicos, era oralizada e depois se transformou em um artefato escrito e impresso, alcançando um vasto público leitor. Desse modo, é importante compreender que, para consumir literatura, é necessário, em grande medida, saber ler o mundo a nossa volta.

Nesse sentido, o crítico brasileiro Antonio Candido (2000, p. 23) argumenta que

[...] *a literatura* propriamente dita, considera aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores comuns são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.

A interpretação das diferentes esferas da realidade, mencionada por Candido, é o que assevera a literatura enquanto leitura de mundo e também como conceito artístico, já que uma mesma obra pode ser observada, analisada e interpretada de diferentes formas a depender do leitor, e por conta disso, “naturalmente a literatura é apenas uma de muitas formas de artes [...]” (FRYE, 1957, p. 22).

Gentil (2004), por sua vez, assinala que a aventura do romance e da literatura é a aventura do homem no mundo moderno e que por meio da literatura, desde a tragédia grega, todas as narrativas literárias trazem em sua raiz a vida real do ser humano. A literatura é, portanto, uma imitação da vida real.

Complementando essas colocações, Candido (2006, p. 147) pondera que a literatura é coletiva, na medida

em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”.

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.

Para construir uma narrativa com ressonância junto ao público, Ana Paula Maia tece uma crítica profunda ao mundo contemporâneo, utilizando-se de um personagem malandro, personagem este, genuinamente brasileiro, presente no nosso dia-a-dia e que está na periferia social e não no centro da sociedade, como será evidenciado nos próximos tópicos.

Arquétipos: as poéticas da malandragem

Para o psicólogo suíço Carl Gustav Jung (2000), a mente é dividida em duas camadas, a primeira, denominada como inconsciente pessoal cuja as ideias conteúdos são adquiridas individualmente e que formam a personalidade individual, a segunda, ele denominou de inconsciente coletivo, e nesta, as imagens e símbolos são de ordem impessoal e coletiva, e representam uma base da psique universalmente presente em todos os seres humanos e culturas, e sempre idênticas.

De acordo com Meletínski (2019, p. 18), Jung entendia

como arquétipos basicamente (embora sua definição varie muito em diferentes momentos de sua obra) certos esquemas estruturais, pressupostos estruturais de imagens (que existem no âmbito do inconsciente coletivo e que, possivelmente, são herdados biologicamente) enquanto expressão concentrada de energia psíquica, atualizada em objeto.

Independentemente de onde vivemos, de onde fomos criados ou da cultura que impera em nós, os arquétipos são imagens e símbolos igualmente semelhantes a todos os seres humanos. Meletínski (2019, p. 19) afirma que “de acordo com Jung, os arquétipos traduzem os acontecimentos anímicos inscientes em imagens do mundo exterior”. Por esta razão, os arquétipos são imutáveis em nossa psique e presentes em histórias, narrativas, conto de fadas, filmes, na publicidade e em tudo que nos cerca.

Ainda relacionado a esse assunto, Sal Randazzo (1996, p. 67) tece as seguintes observações:

Os arquétipos de Jung existem no inconsciente; não podem ser percebidos diretamente. Os arquétipos do inconsciente coletivo de Jung funcionam de certa forma como instinto que guiam e moldam o nosso comportamento. O que podemos perceber são expressões dos arquétipos na forma de imagens e símbolos arquetípicos. Em outras palavras, todo arquétipo pode se manifestar em um número infinito de formas. O arquétipo básico do guerreiro, por exemplo, que representa o instinto de guerra e de agressão pode revelar-se em numerosas expressões (centurião romano, cavaleiro, fuzileiro naval, e assim por diante).

É importante frisar que mesmo sendo figuras imutáveis em nossa mente, os arquétipos presentes em narrativas podem ser fluidos e mutáveis na personalidade do personagem à medida que a história e a situação em que ele está avança. Na literatura, Frye (1957, p. 141) destaca que os mitos e símbolos arquetípicos se organizam de três modos:

Primeiro, há o mito não deslocado que geralmente se preocupa com deuses ou demônios, e que toma a forma de dois mundos contrastantes de total identificação metafórica, um desejável e o outro indesejável. Esses mundos identificam-se amiúde com os céus e infernos existenciais das religiões contemporâneas de tal literatura. Chamamos a essas duas formas de organização metafórica, respectivamente, apocalíptica e demoníaca. Segundo, temos a tendência geral que chamamos romanesca, a tendência de sugerir padrões míticos implícitos num mundo mais estreitamente associado com a experiência humana. Terceiro, temos a tendência do “realismo” [...], de descarregar a ênfase no conteúdo e na representação em vez de descarregá-la na forma da estória.

Frye (1957) aborda que é em seu segundo modo, o literário, que se encontra a representação do pícaro ou o malandro, uma vez que é no romance picaresco ou malandro que temos a história de um velhaco que busca alcançar o êxito de suas façanhas e que faz a sociedade convencional parecer tola, sem erigir nenhum padrão positivo.

O malandro é sem dúvida um arquétipo genuinamente brasileiro, conforme pontua Goto (1988, p. 11):

No imaginário da sociedade nacional, [a malandragem] costuma sintetizar certos atributos considerados específicos ou identificadores

do brasileiro: hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura muito apreciados no futebol e na política, a agilidade e a esperteza de escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, o “jeitinho” que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, super ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva.

O malandro, além de sua representação arquetípica, também possui um discurso fixo e é por meio desse discurso, que se manifesta a crítica à história e à sociedade, mas é necessário compreender que o arquétipo do malandro é mutável, mas o discurso da malandragem é fixo, imutável. Como salienta Dealtry (2009, p. 46),

O discurso malandro [...] é a palavra reconduzida à função metaforizante. A palavra malandra se transforma em chantagem, engano, logro, conhecimento, sedução, ameaça, esperteza, em suma, estratégias de negociação que se constroem na aproximação com o outro e por isso mesmo não podem ser fixas nem decodificadas. Podemos, assim, ampliar a visão do discurso como elemento que igualmente engloba o andar, o falar, o vestir-se, do qual nos fala DaMatta. Compreendido como conceito, o malandro é reduzido à concepção de objeto – delineável, aprisionável –, apreendido como metáfora, percebemos, então, que ligamos com multiplicidades de discursos que invocam o caráter sempre em deslocamento das representações. São essas representações sobre a malandragem [...].

Em relação às representações do malandro, é preciso levar em conta o(s) sujeito(s) que a produzem e o momento em que são produzidas:

Se procuro caminhos não essencialistas, que não revelem “a verdade” sobre esse tipo e suas práticas, resta-me a opção de me aproximar dessas representações malandras levando sempre em consideração quem as produz, em que momento histórico, e de que forma essa representação dialoga com as imagens de nação daquele período. Assim, não teremos um malandro ideal e exemplar, mas estratégias de malandragens que se deslocam, se transmutam de maneira dialógica com a sociedade, da mesma forma que o próprio malandro se desloca, se transmuta, não para meramente sobreviver, mas para permanecer em diferença (DEALTRY, 2009, p. 47).

Dessa forma, é possível perceber que o personagem/arquétipo do malandro na literatura pode ter inúmeras “máscaras” ou estereótipos, ele pode ser o dono do bar, o pai de família, o político – e no caso de “O trabalho sujo dos outros”, nosso malandro é um lixeiro. Embora o malandro possa se utilizar dessas inúmeras máscaras e

estereótipos, é necessário compreender que seu discurso sempre será o do malandro, daquele que quer ganhar algo e muitas vezes esse arquétipo é utilizado para que haja uma crítica social diante de um período histórico ou diante da sociedade na qual ele se insere.

Nesse sentido, DaMatta (1997, p. 263) assinala algumas ponderações relevantes a respeito da configuração do malandro brasileiro:

É evidente que temos um *continuum* que vai da ordem à desordem; ou da rotina fechada aos pontos em que ela se abre totalmente, cada ponto contendo posições sociais estereotipadas e reconhecidas em todas as camadas da sociedade brasileira. Assim, sabemos que os heróis do carnaval, isto é, os tipos que denunciam aquele período como “carnavalesco” são marginais de todos os tipos. Seja porque estão situados nos limites do tempo histórico [...] sejam porque estão escondidos pelas prisões, pela polícia e por nossa ingenuidade, pois aqui temos todos os marginais como se no carnaval a sociedade abrisse suas partes internas, seus porões sociais. Se quisermos reunir todos esses tipos numa só categoria social, sabemos que todos eles são *malandros*. Não porque tenhamos de tomar e situar o mundo [...] como um mundo de malandragem, mas, precisamente porque daqui, do asfalto da avenida em pleno ritmo de samba e verão brasileiros, eles estão totalmente deslocados. E o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se.

Em “O trabalho sujo dos outros”, de Ana Paula Maia, o malandro é utilizado para produzir uma reflexão no leitor – por meio da crítica social que há no texto – com uma temática com fio condutor entre o lixo e o luxo, o rico e o pobre de um Brasil desigual em que muitos têm que se expor a situações deploráveis para sobreviver com o mínimo, como analisaremos a seguir.

Arquétipos: as poéticas da malandragem

O livro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* principia com a novela homônima e, logo após a finalização desta, começa a segunda história intitulada “O trabalho sujo dos outros”, estruturada em sete capítulos.

Logo na abertura dessa novela, são apresentados para o leitor dois “objetos”, que são os seus fios condutores, seu tema principal, o lixo, e o protagonista Erasmo Wagner:

Revista de Letras Norte@mentos

O lixo está por todo lugar e é de várias espécies: atômico, espacial, especial, hospitalar, industrial, radioativo, orgânico e inorgânico; mas Erasmo Wagner só conhece uma espécie de lixo. Aquele que é jogado pra fora de casa. A imundície, o podre, o azedo e o estragado. O que não presta pra mais ninguém. E serve apenas para os urubus, ratos, cães, e pra gente como ele (MAIA, 20011, p. 56).

Erasmo Wagner é um lixeiro que trabalha alternadamente nos turnos diurno e noturno, e logo no início do texto, a narrativa nos atinge com o que há de mais sub-humano, descrevendo um homem que já teve tétano, tuberculose, já foi mordido por rato e bicado por urubu e que, segundo as informações fornecidas pelo narrador, conhece a peste, o espanto e o horror; por isso é ideal para a profissão que exerce. É ainda nesta parte que se pode notar o viés de malandro do personagem:

Leva para casa para revender aquilo que acha em bom estado: colchão, estrado de cama, vaso sanitário, portas, armários, grades, cofres, cadeiras, canos e o que mais puder ser aproveitado. Lucra metade de seu salário com a venda do lixo. Não pensa nos miseráveis dos aterros sanitários que também poderiam lucrar com o que há de melhor no lixo. Ele realmente não se importa. Assim como quem está acima dele não se importa também. Na escala decrescente de famintos e degenerados, ele ocupa um posto pouco acima dos miseráveis. É como levar um tiro de raspão (MAIA, 2011, p. 56).

Erasmo Wagner, assim como o arquétipo do malandro, olha para si mesmo e para o seu próprio ganho pessoal. Nesse caso, pobre como é, vende o que encontra no lixo, sem se preocupar com os miseráveis do aterro sanitário para onde o lixo que ele recolhe vai. Ele, como qualquer personagem malandro, não se importa com mais ninguém, pois tira proveito de estar num posto “um pouco acima dos miseráveis”. Dessa maneira, é possível considerar que

Ligado ao termo malandro está o termo malandragem, com um sentido semântico negativo, que significa o ato, a qualidade ou o modo de vida daquele que a pratica. A carga negativa advém do fato de estar embutido no seu conceito a lesão ou danos a terceiros. O alto de malandragem supõe um sujeito (o malandro) que o pratica e um paciente que o sofre (a vítima ou otário, dependendo do caso). O engano, a trapaça e o prejuízo são os motores mais comuns de uma ação malandra (BOTOSO, 2017, p. 21).

Para além do proveito que tira do lixo, diante dos ainda mais miseráveis Erasmo Wagner também não se importa com os outros a não ser consigo mesmo, a carga negativa da malandragem está em si e como citado embutido no seu conceito a lesionar ou causar danos a terceiros, como fica explícito na seguinte passagem:

Do outro lado da rua, em meio ao engarrafamento, escutam gritos e latidos. Um homem idoso está sendo atacado por um cão pit bull feroz como um cão de rinha. O homem cai, eles correm para ajudar. Valtair tenta espantar o animal com um pedaço de pau. Isso só o deixa mais enfurecido. O motorista do caminhão vê pelo retrovisor o que está acontecendo. Ele abre a porta e desce rápido. Cai no chão e levanta-se em seguida. O cão tenta abocanhar o pescoço do velho. Ele tenta se defender. Valtair grita tentando espantar o cão. *Erasmo Wagner apenas olha a cena.* Já foi mordido por um cão quando criança. Já tomou pauladas de um velho por ter roubado duas laranjas, quando criança. Ele estava com fome naquele dia, e ainda não tinha força nem tamanho para trabalhar ou se defender, tanto do cão quanto do velho. Para ele pouco importava quem sobreviveria. O cão rasgaria o velho. Velhos têm a pele mole, ele sabe bem disso, pois já matou um. Mas isso faz tempo e o velho não prestava. Ele já pagou pena por isso, está livre para coletar o lixo do mundo inteiro se precisar. A cadeia o fez apreciar os dejetos (MAIA, 2011, p. 58, grifo nosso).

Na passagem em apreço, fica evidente o aprendizado do personagem, que sempre foi maltratado, agredido, passou fome e, ao se tornar adulto, repete o mesmo padrão observado nas atitudes daqueles seres com os quais convivia.

Apesar do fato de que o malandro se empenhar em tirar proveito do próximo, é importante frisar que, ainda há humanidade em suas atitudes, porque mesmo com sua malandragem e uma vida sofrida, como afirma González (1994), há um tipo de malandro que deixa de lado o individualismo para se tornar porta-voz de projetos políticos alternativos, mudanças sociais, contudo, esses projetos acabam invariavelmente com a derrota do próprio malandro. Ressaltamos que isso não ocorre no relato que estamos analisando, pois o personagem não toma nenhuma atitude para salvar o ancião do animal feroz que o ataca, limitando-se a observar à distância e deixando vir à tona algumas reminiscências, por meio das quais se recorda de ser agredido por um velho, quando estava faminto e roubou algumas frutas.

Portanto, é frequente que vejamos na literatura o malandro individualista, mas, ainda assim, pode haver, em algumas representações do malandro, certas atitudes de empatia relacionadas ao outro, quando o outro também está à margem, como o próprio

Revista de Letras Norte@mentos

malandro está. Podemos observar essa dualidade existente no malandro, quando o personagem-protagonista encontra um garoto morto, no lixo, enquanto trabalha:

No final da rua, vê um rapaz deixar um grande saco preto na calçada, ao lado de uma árvore, e sair andando apressado. Erasmo Wagner percebe o rastro de trevas. Seu coração acelera. Isto é um mau sinal. Ele começa a se distanciar de seus companheiros. O sujeito que abandonou o saco preto ainda não virou a esquina. Erasmo Wagner apressa seus passos em direção ao saco jogado no chão. Ele conhece o conteúdo de alguns sacos só pelo cheiro, formato e peso. Rasga o saco com o seu canivete. O garoto ainda dá um suspiro quando sente a brisa da noite. Seu peito foi aberto e costurado grosseiramente com fio de náilon preto. Está todo roxo. E pelo conteúdo do saco de lixo em que o garoto se transformou, Erasmo Wagner percebe que faltam alguns órgãos dentro dele. Está oco. E morre de olhos arregalados, pouco antes de tentar dizer alguma coisa.

— Erasmo! — grita Valtair. — Que cê tá fazendo aí, cara? O lixo tá todo aqui.

— Deixaram esse aqui — grita de volta Erasmo Wagner.

Valtair corre em direção a Erasmo Wagner. Começa a bater no peito, justificando-se.

— Mas eu recolhi tudo. Não vai botar a culpa em mim — diz Valtair aproximando-se. — Eu recolhi toda a bosta do lixo e não deixei cair nada pra trás.

— Mas alguém deixou — diz Erasmo Wagner (MAIA, 2011, p. 67).

O encontro do cadáver enseja atitudes de solidariedade por parte de Erasmo Wagner, que tenta perseguir o homem que o abandonou naquele local. Mas, logo em seguida, ele tenta ignorar o fato de alguém ser descartado como lixo e deseja voltar ao seu trabalho:

Valtair olha para o garoto morto dentro do saco. Suspende a ânsia de vômito. Faz pouco tempo que o lixo não lhe perturba mais os sentidos, mas não está preparado para os mortos despejados em calçadas. Erasmo Wagner se levanta e corre atrás do sujeito que abandonou o saco e some ao virar a esquina. Ele procura pelas brechas da noite e pelos vãos esguios da cidade, mas não vê ninguém por ali. Lembra-se de ter ouvido o som do motor de um carro. Foram mais rápidos que ele. Volta para onde estava o saco preto com o corpo do garoto. Valtair está de joelhos e ora.

— Levanta. Temos de avisar a polícia.

— Quem faria uma coisa dessas, Erasmo?

— Não sei, Valtair. Não sei mesmo.

Erasmo Wagner abaixa-se e tenta fechar o saco preto preservando o seu conteúdo. O motorista do caminhão aciona a polícia. Jeremias, o maneta, espia o conteúdo do saco e diz:

— Precisamos continuar. Tem muito lixo pra recolher esta noite.

— Mas ele está morto — diz Valtair.
— Eu sei. Ele não precisa da gente. O lixo é que precisa.
Erasmus Wagner suspende Valtair pelo braço e o faz caminhar ao seu lado.
— Era só um menino, Erasmo, só um menino.
Esta cidade atinge a todos: aos meninos, às mulheres, aos órfãos, aos velhos. Esta cidade não faz acepção. Tudo se transforma em lixo. Os restos de comida, o colchão velho, a geladeira quebrada e um menino morto (MAIA, 2011, p. 67).

Na literatura em que o malandro ocupa o papel protagônico, seu maior trunfo, enquanto arquétipo, é o ato de tirar vantagem do outro, pensando em si mesmo; contudo, quando um malandro se encontra com alguém com quem se identifica, ou seja, com outra pessoa marginalizada socialmente, há uma dualidade arquetípica que faz com que ele tenha, ainda que momentaneamente, por essa figura parecida consigo, uma atitude de empatia, algo comumente visto na cultura brasileira, em que pessoas à margem da sociedade, tentam auxiliar outras que também são marginalizadas, menosprezadas como elas.

Nesse sentido, Erasmo Wagner demonstra preocupação com o menino morto a seu modo, na medida em que esse menino, assim como ele, é tratado e jogado como lixo à beira de uma árvore, porém, sua preocupação logo se dissolve durante a narrativa, visto que Erasmo sabe que não há nada mais que fazer a não ser seguir coletando o lixo dos outros da rua.

Há ainda no campo da malandragem, no malandro enquanto arquétipo, a possibilidade de sua esperteza vir a se transformar em algo que seja autenticamente marginal ou até mesmo um bandido. Na novela de Ana Paula Maia, observamos essa mutabilidade no personagem-protagonista, em que o narrador, por meio de um *flashback*, retoma um evento ocorrido na infância de Erasmo Wagner e que nos leva a refletir sobre o que é justiça e as maneiras tortuosas pelas quais, às vezes, ela é concretizada.

Em uma passagem da novela, em que Erasmo Wagner se lembra de quando era criança, ele recorda que seus pais foram mortos pelo “velho Mendes”, pois este ofereceu ao seu irmão mais novo um doce para atraí-lo ao fundo de sua casa e, assim, ele pudesse praticar sexo oral com o menino. Enquanto o velho lambia os lábios de satisfação, os

pais de Erasmo surpreenderam os dois. O pai disse que chamaria a polícia, e o velho ameaçou matá-los e cumpriu a ameaça.

Quando Erasmo cresceu, vingou-se do assassino, como se pode depreender da passagem transcrita abaixo:

Quando Erasmo Wagner estava com idade e força suficientes, cravou uma lasca de ferro pontiaguda no pescoço do velho. O velho Mendes havia acabado de acordar e foi receber o rapaz da padaria que trazia uma encomenda de leite, pão, bolo de laranja e torradas. Só deu tempo de dar duas passadas para trás. Caiu de joelhos com a lasca enferrujada atravessada no pescoço. Enquanto morria, Erasmo Wagner permaneceu olhando bem fundo em seus olhos. E soube que o velho entendeu o motivo de sua morte. Foi preso, deixou a barba crescer e cumpriu pena. Erasmo Wagner é visto como um cretino. Um brutamontes. Um desalmado. Além disso, ele é também um barbudo. Um barbudo cretino para a maioria das pessoas. E um mártir para os que conhecem sua história (MAIA, 2011, p. 71).

É possível observar que a dualidade entre um malandro bandido e um malandro sagaz está impregnada na figura de Erasmo Wagner e, dessa maneira, a narrativa nos faz refletir sobre a impunidade e a justiça feita com as próprias mãos. O velho Mendes cometera o crime de pedofilia e ainda matou um casal, deixando Erasmo Wagner e seu irmão órfãos. Erasmo, por outro lado, matará o homem e será preso por isso.

Assim, pode suceder de o malandro, que pratica golpes e se vale de expedientes escusos para sobreviver, tornar-se um bandido:

O campo do malandro, assim, vai numa gradação da malandragem socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto. É quando o malandro corre o risco de deixar de viver do jeito e do expediente para viver dos golpes, virando então um autêntico marginal ou bandido (DAMATTA, 1997, p. 221).

Essa dualidade do arquétipo do malandro é mobilizada na narrativa, por Ana Paula Maia, para causar uma reflexão sobre a justiça, uma vez que, após sair da prisão, Erasmo Wagner era visto como um cretino desalmado por uns, mas como um mártir para aqueles que sabiam de sua história. Em mais de um momento durante o texto, transparecem elementos que contribuem para a formação do rematado malandro no qual se transforma Erasmo Wagner:

Nos tempos de cárcere aprendeu a perceber a iminência de fatalidades. Seus sentidos foram aguçados e com esta habilidade pôde salvar-se da morte duas vezes. Erasmo Wagner nunca se sente triste ou só. Não sabe o que é sofrer por amor. Não busca um sentido para a vida. Seus pensamentos são claros e objetivos. Ele cumpre seu dever e busca sobreviver. Pretende comprar um carro usado e viajar pelo país. Ele gostaria de morrer numa estrada. Quer terminar seus dias caminhando sobre a Terra e jamais deixar um rastro sequer (MAIA, 2011, p. 71).

Nessa passagem, vemos a esperteza empregada para escapar da morte, a falta de sentimentos, a praticidade, o foco em objetivos claros e específicos, buscando sobreviver e pretendendo comprar um carro para viajar pelo país, ressaltando outra característica comum dos malandros, que é a itinerância, o não se fixar nunca num único local, evitando criar raízes ou qualquer sentimento de pertença a um espaço determinado. O malandro, enquanto sujeito sagaz, que aplica golpes, necessita de sagacidade e esperteza, raramente sente algum tipo de empatia e, por vezes, morre sem deixar rastros, pois, para aplicar golpes, ele se vale de inúmeras “máscaras”, para passar despercebido, evitando punições ou agressões daqueles a quem, constantemente, lesa, rouba, enfim, causa algum tipo de prejuízo.

À medida que a narrativa avança, vemos um Edgar Wilson preocupado, porque os lixeiros iniciam uma onda de protestos, parando de trabalhar, exigindo aumento. Desse modo, Erasmo Wagner vê a cidade cheia de lixo e, para sobreviver, vende sua cabra leiteira mais meiga, a Rosa Flor, e começa a trabalhar desentupindo esgoto, com seu primo Edivardes.

Durante toda a narrativa Erasmo, Wagner está próximo do lixo, quase sendo parte dele. Uma virada significativa na história transforma o personagem central da novela de Ana Paula Maia em um personagem malandro, que teve de seguir o caminho da malandragem pela brutalidade da vida e, por vezes, durante o texto literário, compartilhando o espaço do lixo e dos urubus, chegou a ser bandido, assassino condenado e parricida:

Quando matou o velho Mendes, Erasmo Wagner não precisou dizer nenhuma palavra. Ao olhar nos olhos do velho, este entendeu por que morria. O que Erasmo Wagner só soube após sair da cadeia é que o velho Mendes era seu pai. Quem contou foi a tia que o criou. O homem que o criou sabia da verdade, porém Erasmo Wagner foi criado em silêncio.

Não gosta de admitir que o velho miserento era seu pai. Talvez por este motivo precise quebrar o silêncio. Desde que viu os olhos do velho Mendes nos do bode, entendeu que precisava se confessar.

Tonhão está parado ao lado de uma árvore. Erasmo Wagner puxa-o pela corda em seu pescoço. O bode dá com seus chifres nas pernas do homem, que cai de joelhos.

— Que diabos é você, bode?

Erasmo Wagner, de joelhos, torna-se cabisbaixo. Desliga a lanterna e põe-se a falar ao pé do ouvido do bode. Entre os judeus no Velho Testamento, havia o bode emissário, cujo objetivo era carregar sobre si pecados e transgressões confessadas e ser solto num deserto, onde desaparecia. De tanto ler o Velho Testamento para a tia moribunda, aprendeu a história. E em silêncio, ansiou à sua maneira por seu bode emissário, que o faria cair de joelhos e, pela primeira vez, livrar-se de alguns de seus fardos.

O homem fala por muito tempo e quando o crepúsculo matutino clareia o céu, cala-se novamente. O bode segue em direção ao nascente, carregando suas iniquidades até desaparecer das vistas de Erasmo Wagner para nunca mais retornar (MAIA, 2011, p. 89).

Erasmo Wagner, após se livrar de um de seus maiores fardos, segue sua vida, sobrevivendo como pode e da melhor forma que pode, catando o lixo dos outros nas ruas da cidade, limpando a sujeira dos outros. Ele é tão malandro quanto humano em um texto de cunho realista e com uma construção narrativa que põe em relevo uma crítica aos tempos modernos, à sociedade como um espaço de desigualdades e injustiças, na qual se debatem, desde sempre, pobres x ricos, nobres x plebeus, opressores x oprimidos, como ocorria nos romances picarescos espanhóis, durante o Renascimento, e nos relatos malandros brasileiros na contemporaneidade:

O pícaro e o malandro são individualistas, sempre fingem ser o que não são para atingir o status dentro de um grupo, seu bem-estar depende do suor dos outros. Contudo, os romances picarescos denunciam uma sociedade distribuída em castas, suas formas complexas de organizações e controle, crenças, culturas e mitos. Nestas circunstâncias, observa-se uma sociedade com seus valores deturpados, deixando de priorizar os bons para propiciar a malandragem, o favoritismo, a enganação e a traição, tal como a realidade contemporânea dos protagonistas das obras malandras que comentamos e que deixam evidente que há vários elementos da sociedade espanhola que se perpetuam e se repetem no mundo contemporâneo. *E o romance malandro, tal como fez a narrativa picaresca, capta e reflete brilhantemente essa realidade, transpondo-a para o universo ficcional* (FRAGA, 2017, p. 105-106, grifos nossos).

É importante frisar que, para além do personagem protagonista, a narrativa em análise, como um todo, carrega o arquétipo do malandro, cuja existência é favorecida

Revista de Letras Norte@mentos

por uma sociedade burguesa e capitalista, que consome mais do que necessita, gerando grandes quantidades de lixo do que o necessário e não se importa com os outros, quando a cidade entra em uma situação caótica durante a paralisação dos lixeiros e, ainda assim, em seu cerne egoísta, a sociedade não deixa de consumir e produzir lixo, propiciando que ficção e realidade se confundam no universo ficcional de Ana Paula Maia, numa situação perene e repetitiva:

A maioria dos coletores bebem, talvez para aguentar tanta amargura, tanta sujeira e descaso. Erasmo Wagner não bebe. Encara tudo consciente, permanece sóbrio todo o tempo, prefere assim. O trânsito começa a fluir lentamente. O motorista segue para o depósito. Erasmo Wagner, de pé sobre o estribo, olha para trás. Seus olhos estão cinzentos como o dia e seu coração bate forte em ritmo firme. Ainda é um homem silencioso e sente-se capaz de digerir todas as imundícies e maravilhas ao seu redor. É um homem expurgado e permanecerá recolhendo o lixo dos outros, como uma besta de fardo, estéril, híbrida, que não questiona (MAIA, 2011, p. 91).

Expurgado de um momento brutal da sua vida, Erasmo Wagner consegue seguir e sobrevive da melhor forma que pode e é capaz de digerir todas as imundícies e maravilhas ao seu redor. Ele é um homem destituído de qualquer princípio, fará qualquer coisa para garantir o seu sustento, jamais deixará de ser malandro. No final da narrativa, torna-se um malandro sagaz e não mais o cretino e bandido, que tomou para si a tarefa de fazer justiça, uma vez que esta não alcança e nem se destina aos menos favorecidos. Cumpriu pena e aprendeu a se safar de todos os perigos e a se preocupar somente com aquilo que pudesse lhe trazer algum benefício, sem questionar o *status quo*, a sociedade desigual, desumana. Essa sociedade descarta o seu lixo, para que outros cuidem dele e, transforma indivíduos em lixo, em algo sem valor, que pode ser jogado fora, sem remorsos.

Considerações finais

É feroz a crítica que Ana Paula Maia tece em sua narrativa, lançando mão do lixo para nos mostrar uma sociedade desigual e totalmente dividida e segregada. Ela também traz para o centro da narrativa um homem que não vê nada além do lixo, do lixo dos outros, do lixo que recolhe todo dia e do lixo que acha que sua vida é, já que, no passado, cometeu um crime horrendo e viveu uma vida brutal, marcada pela dor,

Revista de Letras Norte@mentos

sofrimento e a fome, como em geral acontece com os arquétipos do anti-herói ou do malandro.

Para que possa sobreviver, o personagem-protagonista é obrigado a dispor dos bens que mais ama, desentupir o esgoto dos outros e está sempre ao lado do lixo, como se ele mesmo fosse parte indissociável dele, fazendo com que o lixo se transforme no protagonista da obra, metaforizado na equação homem = lixo, como se fossem as duas faces de uma mesma moeda.

Homens, pedofilia, crimes, desigualdade, morte, assassinato, justiça e malandragem revelam-se como o cerne da construção de “O trabalho sujo dos outros”. Aclamada por escrever sobre homens e crimes sem pudor, Ana Paula Maia concebe uma narrativa crítica, ácida, fluída, feroz, arrebatadora, reflexiva e que apresenta como personagem central um malandro que, no embate com uma sociedade desumana e injusta, aprende a usar os artifícios que vislumbra nela para garantir a sobrevivência e vencer qualquer obstáculo que se interponha em seu caminho. Nessa sociedade, só os fortes conseguem sobreviver e Erasmo Wagner sabe disso e não poupará esforços para preservar a sua liberdade e o quinhão que lhe cabe neste imenso latifúndio em que vítimas e algozes se defrontam constantemente e somente com jeito, manha e perspicácia será possível conseguir um lugar à sombra, ainda que permeado por um conforto mínimo e sem que as mazelas cotidianas se façam presentes em todos os momentos.

Referências

BOTOSO, Altamir. A recriação do pícaro na literatura brasileira: o personagem malandro. In: BOTOSO, Altamir (org). *Malandros ou neopícaros: figurações do anti-herói na literatura brasileira*. São Paulo: Todas as musas, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARNEIRO, Vinicius Gonçalves. Reflexões quanto à literatura marginal brasileira: comparando Ferréz a sua tradição literária. *Estudos de literatura brasileira*

Revista de Letras Norte@mentos

contemporânea, n. 50, p. 254 - 276, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00254.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2022.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEALTRY, Giovanna. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. *Especiaria – Caderno de Ciências Humanas*, v. 16, n. 27, jul./dez. 2015, p. 193 - 212. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126>. Acesso em: 24 nov. 2019.

FRAGA, Betania Vasconcelos da Cruz. Do pícaro espanhol ao malandro brasileiro: percursos do anti-herói. In: BOTOSO, Altamir (org). *Malandros ou neopícaros: figurações do anti-herói na literatura brasileira*. São Paulo: Todas as musas, 2017.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1957.

GENTIL. Hélio Salles. *Para uma poética da modernidade: uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 2004.

GONZÁLEZ, Mario Miguel. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandrina, 1994.

GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada: uma leitura ideológica de “dialética da malandragem”*. Campinas: Pontes, 1988.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luíza App e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MAIA, Ana Paula. O trabalho sujo dos outros. In: MAIA, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. [recurso eletrônico - ePub]. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

MELETÍNSKI, Eleazar Moiseevich. *Os Arquétipos Literários*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, Homero Freitas de Andrade, Arlete Cavaliere. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

PEREIRA, Danglei de Casto. Pressupostos de uma pesquisa: cânone e historiografia. In: PEREIRA, Danglei de Casto; SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto (orgs.). *Olhares sobre o marginal*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

Revista de Letras Norte@mentos

RANDAZZO, Sal. *A criação dos mitos na publicidade: como os publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

VICELLI, Karina Kristiane. *Violência e bastardos na obra de Ana Paula Maia*. 1. ed. Dourados-MS: Arrebol Editora, 2021.

Recebido em 04/01/2023

Aprovado em 10/05/2023